

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA – CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL / “UMA NOVA ESPERANÇA?”

20 de Outubro de 2023

Sessão apresentada por Tom Hurwitz

Duração total da projecção: 103

## HUNGER 1932 / 1933

um filme da Workers Film and Photo League

**Realização:** Workers Film & Photo League / **Montagem:** Robert Del Duca, Leo T. Hurwitz, Leo Seltzer, Norman Warren / **Imagem:** Sam Brody, Robert Del Duca, Leo T. Hurwitz, C. O. Nelson, Leo Seltzer.

**Produção:** Workers' Film & Photo League do W.I.R. / **Cópia:** The Museum of Modern Art, em ficheiro, preto e branco, mudo (versão musicada com acompanhamento ao piano na cópia), intertítulos em inglês, legendados electronicamente em português / **Duração:** 18 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.**

## GABRIEL OVER THE WHITE HOUSE / 1933

um filme de Gregory La Cava

**Realização:** Gregory La Cava / **Argumento:** Carey Wilson e Bertram Bloch, baseado num romance de Thomes F. Tweed / **Fotografia:** Bert Glennon / **Direcção Artística e Décors:** Cedric Gibbons / **Guarda-Roupa:** Adrian / **Música:** Dr. William Axt / **Som:** Douglas Shearer / **Montagem:** Basil Wrangell / **Interpretação:** Walter Huston (*Presidente Judson Hammond*), Franchot Tone (*Hartley Beekman*), Karen Morley (*Pandola Molly*), Arthur Byron (*Jasper Jrooks*), Dickie Moore (*Jimmy Vetter*), C. Henry Gordon (*Nick Diamond*), David London (*John Bronson*), etc.

**Produção:** Walter Wanger para Cosmopolitan Productions (William Randolph Hearst) / **Distribuição:** Metro-Goldwyn-Mayer / **Cópia:** da Cinemateca Real da Bélgica, DCP, preto e branco, falada em inglês e legendada electronicamente em português / **Duração:** 85 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 31 de Março de 1933 / **Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca:** 18 de Maio de 1991, no Ciclo “Da Depressão a Roosevelt”.

**NOTA:** Este texto foi escrito em Maio de 1991, aquando da sua primeira exibição na CP-MC. De então para cá (e sobretudo a partir de 1995, quando organizámos o ciclo LA CAVA) que a obra deste cineasta tem sido programada com regularidade. Uma vez que autor do texto não pode, fazer as alterações na “folha”, achámos por bem, distribuir o texto tal como foi escrito para essa sessão. A sua relação com a actualidade justifica a sua distribuição.

---

### HUNGER

**Hunger**, apresentado na própria cópia como “The National Hunger March to Washington, 1932”, é um Jornal de Actualidades produzido em 1933 pela Workers' Film & Photo League, cujos primeiros planos são indiciadores do que se segue. Um homem de cabeça baixa em pose de desespero acompanhado por imagens de outros homens nitidamente à procura de emprego, a que se acrescentam os intertítulos “No Help Wanted” ou aqueles que referem o crescente número de

desempregados que em 1932 ascendem aos quase 17,000,000. Imagens e concomitante texto que não deixam grande margem para equívocos.

Estamos em plena grande depressão norte-americana, em que a miséria de vários milhões de cidadãos americanos dará origem a uma das famosas marchas da fome, como esta em direcção a Washington, documentada pelo filme. **Hunger** resulta da colaboração de Robert Del Duca, Leo T. Hurwitz, Leo Seltzer, Norman Warren, Sam Brody, entre outros nomes, que se associam nessa longa luta contra o desemprego e a miséria, uma iniciativa originada pelo National Unemployed Council, organização com ligações ao Partido Comunista. São muitos aqueles homens e mulheres que se distribuem por intermináveis filas, que dormem pelo chão das ruas, que povoam os improvisados bairros da lata, em contraste com os anúncios de casas e quartos vagos para alugar.

Conhecemos imagens idênticas, registadas por estes e outros grandes fotógrafos norte-americanos, mas que transpostas em filme ganham outra dimensão. Documentam-se os "prisioneiros da fome" que se juntam em torno de fogões improvisados nas ruas e a organização da marcha, que a 5 de Dezembro de 1932 culminará em Washington, uma imensa massa humana que encontrará pela frente ataques violentos da polícia. Acontecimentos que veremos também retratados no filme seguinte da sessão, uma mirabolante parábola ficcional em torno da eleição de Franklin D. Roosevelt como Presidente dos Estados Unidos, patrocinada por William Randolph Hearst, o grande milionário associado aos media de então, que será a base para o retrato do protagonista de **Citizen Kane**, por Orson Welles. Abordam-se assim questões várias, como a pobreza, a falta de habitação, o desemprego, a inflação, ou a necessidade de organização e de protecção social que, de diferentes formas, encontram um perturbante eco na actualidade política e social, evocando o carácter cíclico da história.

Joana Ascensão

## **GABRIEL OVER THE WHITE HOUSE**

Entre as muitas preciosidades deste precioso mini-Ciclo Depressivo ["Da Depressão a Roosevelt", Maio de 1991] que serve de pórtico e de bastidor à aguardadíssima entrada em cena de Frank Capra (é já no dia 24, Senhores e Senhoras) avulta **Gabriel Over the White House** que hoje terá a sua estreia em Portugal, mais de 58 anos depois da estreia nova-iorquina.

Embora o filme tenha sido muito badalado nos últimos anos, após décadas de injusto esquecimento e uma gélida recepção à data da estreia, temo que a sua fama entre nós ainda não seja suficiente para justificar uma sala bem recheada. E quem não conheça as muitas histórias da história deste filme não encontra nos dados fornecidos (mea culpa da Cinemateca) muito a que se agarrar. Os protagonistas foram notáveis actores? Qualquer cinéfilo digno desse nome o sabe, mas também é verdade que nenhum deles tem hoje "aura" que atraia eventuais "fans". Quanto a Gregory La Cava, apesar da Cinemateca possuir entre os seus tesouros (e o projectar com alguma frequência) esse fabuloso **My Man Godfrey**, continua a ser um cineasta por descobrir, um dos muitos realizadores dos anos 20, 30 e 40 que morreu cedo de mais (em 1952) para que os *Cahiers* lhe pudessem ter descoberto a veia "auteurista". Se hoje, não falta quem a sustenta, a verdade é que não conheço qualquer monografia sobre ele e, com raríssimas excepções (**My Man Godfrey**, **Stage Door** com Katharine Hepburn e Ginger Rogers, **Primrose Path** com Ginger Rogers e Joel McCrea) os seus filmes raramente são revistos e reapreciados. Quem sabe, por exemplo, que La Cava iniciou a carreira como "cartoonista" em 1915 e assinou dezenas de filmes de animação até 1920? Quem sabe que iniciou a carreira em "feature films" em 1921 e que dirigiu 46 filmes até 1947?

Não se sabe hoje, mas soube-se nessas décadas em que La Cava gozou de sólida reputação. E sabia-se ainda, pelos menos, em 1954, quando Mankiewicz fez **The Barefoot Contessa**. Não é verdade que Bogart, nesse filme, sonha vir a ser, um dia, tão grande quanto - e cito - Lubitsch, Fleming, Van Dyke e La Cava?

Muito antes de Bogart, certamente o soube nesses anos da grande confusão que foram de 1929 a 1934 - os anos da Depressão, do Código Hays e da passagem do mudo ao sonoro - William Randolph Hearst, o celebrado multi-milionário que no princípio deste mês reviveu nesta sala por intercessão de Orson Welles, no **Citizen Kane**, erguido à sombra dele. E foi por o saber que Hearst - em pessoa - confiou a La Cava a realização de **Gabriel Over the White House**, um dos projectos que mais acariciou e de que mais cuidou. La Cava era de resto um homem que Hearst conhecia de ginjeira. Em 1915, pouco antes de se iniciar no cinema, fora cartoonista e caricaturista em dois dos maiores jornais dele: o **New York Globe** e o **Evening World**. No fim desse ano (já com muitos filmes de animação feitos) Hearst confiou-lhe o estúdio de animação que nessa mesma data fundara, o Internacional Film Service, complemento do International News Service, para produzir versões animadas das bandas cómicas dos "cartoonistas" afiliados a Hearst. Três anos trabalhou La Cava em exclusiva dedicação para ele.

E depois, muitos foram os filmes de La Cava para a Cosmopolitan Productions, a famosa casa produtora que Hearst montou e dirigiu para sustentar a carreira de Marion Davies, seu "mais que tudo" e "mais que todos". A partir de 1924 - e de 1924 a 1933 - a Cosmopolitan passou a ser financiada pela Metro que lhe distribuía os filmes. Em troca, Hearst fazia à Metro publicidade gratuita em todos os seus jornais. Já se disse que foi o melhor negócio da vida de Mayer.

**Gabriel** não é um filme à glória de Marion Davies, mas ilustra outra faceta e outra paixão do milionário: a política. Em 1932, William Randolph Hearst decidiu apostar forte na candidatura de Franklin D. Roosevelt à Casa Branca. Não foram só todos os seus jornais e todos os seus "media" que estiveram ao serviço de Roosevelt. Quis mais: quis um filme feito expressamente para ajudar Roosevelt. Esse filme foi **Gabriel**.

E da intenção ao facto - e não é secundário acentuar que a data da estreia do filme coincidiu com a tomada de posse de Roosevelt - começaram os estremos cruzamentos desta história estranhíssima. À partida, Hearst tinha apenas uma ideia: uma obra que acentuasse Roosevelt era um homem escolhido e que Deus estava do seu lado. Foi essa ideia que foi soprar (ele homem de convicções direitíssimas e direitistas) para o outro lado do espectro político que sustentou Franklin D. No caso em questão, Walter Wanger, muito conhecido pelas suas posições liberais, com nome feito na Broadway e a começar a sua carreira de produtor.

Depois de múltiplas hesitações, Wanger mostrou a Hearst uma história escrita pelo inglês Thomas F. Tweed, que fora em tempos secretário de Lloyd George e nunca tinha posto os pés na América. Ao que parece era a história de um político que sobrevivia a dezenas de atentados e ciladas, cada vez mais "puro" e mais "purificado". Por fim, convencia-se que Deus o salvava sempre, para que melhor lhe cumprisse os insondáveis desígnios.

Hearst gostou, mas exigiu controlar de perto a produção e as diversas fases do "script". Parece que este conheceu dezenas de versões e que as modificava continuamente durante as filmagens, já Walter Wanger tinha conseguido não só que Walter Huston fizesse o papel do Presidente (três anos antes, Huston tivera um sucesso enorme como Lincoln no **Abraham Lincoln** de Griffith) como a presença no "cast" de dois actores tão esquerdistas como Franchot Tone e Karen Morley (qualquer deles, à época, com ligações com o P.C. americano).

O rabo foi o mais difícil de esfolar. Hearst nunca gostou da ideia da morte final do Presidente. Além disso, a solução parecia-lhe perigosa, caso Roosevelt perdesse as eleições. Podia-se pensar que o santo se fora. Por isso foram feitos dois finais: o que vamos ver e um outro em que o Presidente se voltava a salvar milagrosamente (mais planos de cortina, mais música de Brahms e mais intervenção do Anjo) e se preparava para uma "terceira fase", renunciando explicitamente aos poderes ditatoriais. Acabaram por ficar as duas versões. E muito curiosa e sintomaticamente, a primeira foi distribuída na América (ou seja a que vemos ver) e a segunda foi exportada para a Europa, onde o filme teve pouquíssima difusão. Há poucos anos, a Cinemateca da Bélgica descobriu essa "segunda versão", curiosíssima de comparar com esta (as duas versões foram exibidas no Festival de Bolonha em 1990) até pelos seus "raccords" com o que nesta nos parecem incongruências: o Presidente voltando a acordar e voltando a chamar Pandola a Karen Morley; o remédio preparado pelo médico e que, aqui, Walter Huston se recusa a beber.

Tal como ficou, ou tal como o veremos nesta versão, **Gabriel Over the White House** é sobretudo um equivoquíssimo filme político.

No princípio - ou seja antes do desastre - o que La Cava nos dá a ver é um dos mais implacáveis retratos que jamais se fizeram de qualquer presidente americano. Presidente corrupto, que deve a eleição a influências e tráfico delas; presidente que não faz qualquer tenção de cumprir as promessas demagógicas que fez e a quem os amigos explicam que não tem que se preocupar com isso; presidente com uma amante, logo promovida a secretária particular; presidente (lapidar sequência com o sobrinho) que dá muito mais importância a brincadeiras com um garoto, do que aos apelos dramáticos que lhe chegam pelo rádio de um país mergulhado na fome e na miséria. O magistral tratamento do som nessa sequência (quase nada ouvimos do que o presidente e a criança dizem, e estes nada ouvem do que diz a rádio) é fulgurante para ilustrar o carácter do novo senhor da Casa Branca. Que, além disso, não sabe onde é o Sião e se diverte com corridas de automóveis.

Dez minutos de filme - enquadrados em actualidades de imaginário assaz sombrio - dão-nos o terrível retrato de como se faz um presidente ou do que a corrupção pode ser. Até que surge o "milagre" e "nasce" o segundo presidente, com a explícita evocação da intervenção divina. E esse segundo presidente - premonição rooseveltiana - é o mais ambíguo retrato que se pode traçar do que alguns dos apoiantes de Roosevelt esperavam de Roosevelt e queriam de Roosevelt. Porque o que claramente se insinua no filme é uma ideologia fascizante, servida por um imaginário que o não é menos.

O exemplo supremo - e é talvez o momento mais inesquecível deste filme - é o julgamento do gangster (explícito retrato de Al Capone) por Franchot Tone feito polícia. Já o cerco da polícia ao quartel general de Nick Diamond é assaz impressionante, com a parada e o dispositivo dos carros de assalto. Mas o que se segue é mais alucinante. O "gangster" espera um julgamento segundo as regras. Tone responde-lhe que vai haver tribunal militar. E é o próprio polícia (chefe da polícia, investido pelo presidente) que julga e condena o gangster, em plongés e contra-plongés que nenhum cineasta nazi desdenharia (repare-se na iluminação, repare-se na semelhança de Tone com Goebbels, repare-se no recorte da figura do justiceiro). E, logo a seguir, plano dos gangsters vendados e Franchot Tone a passar de juiz a carrasco, comandando o pelotão de fuzilamento, com a Estátua da Liberdade ao fundo. No cinema americano, não deve haver outras sequências a colocar ao lado destas, em desvio totalitário. E note-se ainda, como se perfaz nelas o percurso de Franchot Tone, de secretário promovido a polícia, de polícia a juiz, de juiz a carrasco, de carrasco a lugar-tenente.

E que dizer - ou como classificar - o discurso em que Huston assume os poderes ditatoriais? Ou a inolvidável sequência a bordo do couraçado, quando o Presidente convence todas as nações do mundo ("tu França"; "tu Japão") para as esmagar com a superioridade bélica americana e lhes impôr o pagamento da dívida de guerra? (com um premonitório uso do efeito da rádio para ampliar a mensagem).

Apesar de algumas vérias formais à democracia, apesar do Presidente - depois de visitado pelo Anjo - tomar o partido dos pobres e dos desempregados (recorrendo, aliás, a soluções que o próprio Roosevelt veio a praticar) o retrato de Walter Huston, na sua "segunda encarnação" é um retrato que pode rivalizar com os dos ditadores europeus desses anos. E está "fábula mística" do anjo visitador (como a Daniel na cova dos leões) é uma das mais sombrias parábolas registadas pelo cinema sobre os estreitos limites que separam o "providencialismo" americano (na sua vertente fundamentalista) do totalitarismo fascizante. Hearst, admirador de Roosevelt, foi também admirador de Mussolini e Hitler. Vendo este filme, percebe-se. E daria pano para mangas - mas era outra conversa - comparar este "homem só" ("agora sei que um homem sozinho pode vencer todos os outros" diz Karen Morley) aos "homens só" de Frank Capra. Como aviso, aqui fica, no limiar do Ciclo. E como uma das propostas mais fascinantes de aplicação do imaginário "expressionista" à política americana e à América de Roosevelt.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico